

10 LEVADAS ANTOLÓGICAS DE ALEX VAN HALEN

A REVISTA DE
BATERIA
Nº 1 DO MUNDO

MODERN DRUMMER®

melody
editors

EM PORTUGUÊS

ANATOMIA DE UM CASCO DE BATERIA
DESVEDE OS MISTÉRIOS DOS TAMBORES



MARCIO BAHIA
ROCK NA VEIA

ARTHUR GALVÃO, BROOKS WACKERMAN,
DANIEL MAZINI, JIM BOGIOS,
MARCELO FURLANETTO, PYU GARCIA,
ROGER TAYLOR E TORRY CASTELLANO

TESTES

- PRATOS SABIAN Xs20
- BATERIA LUDWIG GS ACCENT SÉRIE 400
- PELES EVANS EC1 CLEAR
- BATERIAS DW JAZZ SERIES
- BAQUETAS C. IBAÑEZ
- PELES LUEN POWER DOT
- CAIXA GEORGE WAY
- BATERIA ROLAND HD-1 V-DRUMS LITE

ALEX VAN HALEN

O RETORNO TRIUNFANTE DO VAN HALEN

LIÇÕES

- VOE TRANQUILO
- O PODER DO PARADIDDLE
- RITMOS LINEARES
- GROOVES FAMOSOS
- COMO DAR AULAS DE BATERIA
- ESTABELEÇA SEU PREÇO
- PERMUTAÇÕES DE COMPASSOS MISTOS EM 4/4
- COMO TOCAR COM SWING E GANHAR INDEPENDÊNCIA COM AS TERCINAS

MODERN DRUMMER • Nº 65 • R\$ 9,50



ESPECIAL

>> 32 Alex Van Halen

Alex Van Halen está de volta à estrada com seu irmão Eddie, seu sobrinho Wolfgang e David Lee Roth com a banda que leva seu nome. Faz quatro anos desde a última turnê do Van Halen. Mesmo com os rumores sobre a saúde de Eddie e seu forte temperamento, quando o Van Halen subiu no palco em Meadowlands, todos os pensamentos sobre problemas passados e ex-baixistas sumiram. E no centro da tempestade, olhando o passado, mas vivendo o presente, Alex mostrou maturidade com partes iguais de bom humor e alegria. Tocar bateria como terapia e elevação espiritual aqui e agora? Alex faz isso.

42 Marcio Bahia

John Bonham, Neil Peart, Terry Bozzio, Stewart Copeland e Joey Jordison. Esses são alguns dos músicos que Marcio Bahia, um dos melhores bateristas de música brasileira da atualidade cita como influências em sua forma de tocar. Marcio está lançando seu primeiro CD, Subindo a Serra. Acompanhe um pouco da trajetória deste fabuloso baterista, que acompanha Hermeto Pascoal há 26 anos!

48 Anatomia de um Casco de Bateria

"O tambor é um instrumento relativamente simples, com um pouco de magia negra", disse Joe Montineri, um técnico veterano de bateria, luthier e o principal homem de desenvolvimento de produtos do fabricante de cascos Keller Products. Geometricamente, um tambor é um cilindro oco... mas há muito mais que isso. Suas características são definidas pelo casco, pelas peles, materiais e montagem, que afetam a sonoridade e a performance. Os cascos de bateria guardam certo mistério em relação ao tipo de madeira com que são feitos, dimensões e construção, constituindo importantes fatores no som que geram.

14 Fique por Dentro

Brooks Wackerman da banda Bad Religion

Jim Bogios da Sheryl Crow para os Counting Crows

Roger Taylor do Duran Duran

Torry Castellano da banda The Donnas

Pyu Garcia Um sideman sem preconceitos

Marcelo Furlanetto Som e fúria

Arthur Galvão Talento precoce

Daniel Mazini

Uma carreira dedicada ao ensino e à música gospel

58 Vamutocámoçada!!!

Difícil de Escrever...

Por Dudu Portes

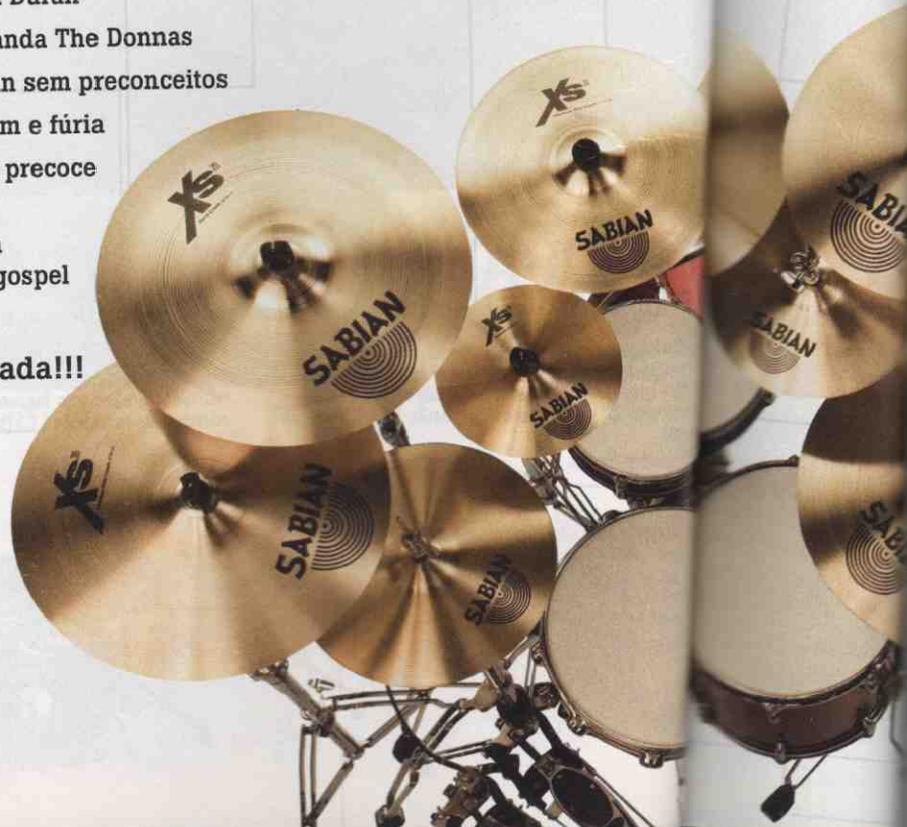
77 Backbeats

Dream Theater

O carisma, a precisão e a pegada de Mike Portnoy

Por Vlad Rocha

ASSINE MODERNDRUMMER
E LEVE PARA CASA UM EXCLUSIVO
KIT LUDWIG PÁG.: 23



ALEX VAN HALEN!

Alex Van Halen está de volta à estrada com seu irmão Eddie, seu sobrinho Wolfgang e David Lee Roth com a banda que leva seu nome. Faz quatro anos desde a última turnê do Van Halen, mas para eles foi como se tivessem viajado milhões de quilômetros. A banda sempre tocou o puro rock'n'roll. Grandes sucessos como "Jump", "Dance The Night Away", "Panama", "Runnin' With The Devil", "Pretty Woman" e "Hot For Teacher" são hinos que marcaram uma geração que ignorou o disco e o punk.

Da mesma forma que seu irmão Eddie toca sua guitarra de forma brilhante, Alex segura um groove de proporções titânicas, usando um kit colossal reforçado por dois bumbos, octobans e acessórios de percussão. Enquanto cita Ginger Baker e Buddy Rich como influências, o estilo de Alex sempre foi algo grande, agregando a energia de um tanque de guerra às músicas do Van Halen, combinando suas notas com o estilo agressivo de Eddie.

Mesmo com os rumores sobre a saúde de Eddie e seu forte temperamento, quando o Van Halen subiu no palco em Meadowlands, todos os pensamentos sobre problemas passados e ex-baixistas sumiram. E no centro da tempestade, olhando o passado, mas vivendo o presente, Alex mostrou maturidade com partes iguais de bom humor e alegria.

Tocar bateria como terapia e elevação espiritual aqui e agora? Alex faz isso.



HALLEN

QUEBRANDO TUDO E VIVENDO O MOMENTO



POR KEN MICALLET • FOTOS DE CHRISTOPHER OTAZO

Ed e Alex: Preparando a banda, quebrando o pescoço

MD: Já faz um tempo desde a última turnê do Van Halen. O que vocês fizeram para voltar à forma?

Alex: Ed e eu tocamos todo dia, então não tivemos de voltar à forma. É uma disciplina forçada que temos, uma rotina. Tocamos uma vez por dia, todos os dias, por umas duas horas, às vezes menos, às vezes mais. Em algumas ocasiões as coisas evoluem. Ed possui idéias, e muitas vezes algo que eu esteja tocando também as trazem à tona. Mas não há um objetivo em mente. Não pensamos: "Vamos fingir que somos criativos e gravar um disco".

MD: Qual é a sua configuração no estúdio? Quantos bumbos?

Alex: A única razão pela qual uso dois bumbos é que meu pé direito não é rápido o suficiente para realizar algumas coisas que gosto de fazer, especialmente em alguns shuffles. Quando se trata de ver o que realmente se precisa para tocar, você usa um hi-hat, uma caixa, um ride e um bumbo. Acho que quanto mais equipamento você usa, menos criativo você é. Em estúdio, normalmente uso uma caixa, um bumbo, um hi-hat e um prato. Talvez um tom. Descobri que usar um kit menor ajuda a ser criativo. Do contrário, caímos nos mesmos velhos padrões. Além disso, você pode se distrair com tanta coisa.

MD: Sua técnica é muito elástica e flexível, e seus pulsos são bastante soltos. No show de Meadowlands você tocou como se tivesse borracha nos braços. Além disso, seus toques de baquetas levantam-se bastante em relação aos tambores. Isso é resultado de se manter relaxado? O que mais faz parte dessa sua abordagem?

Alex: Em parte é porque tive problemas com tendinite. Para ser elástico ao tocar, você deve estar relaxado. Pratico a arte marcial Shodokan para me manter relaxado enquanto faço esforço. Cada pequena tensão cria um problema. É o tal clichê: eles te dizem para relaxar, mas é difícil fazer isso. Você tem de ser relaxado.

MD: O que o levou a fazer artes marciais?

Alex: Isso veio de um ferimento. Fraturei meu pescoço 20 anos atrás. Há dez anos, isso se tornou um problema. Eu estava usando um protetor de pescoço para mantê-lo alinhado. Se ele se desalinhasse, meu braço e minha perna poderiam dormir. Meu pescoço estava sendo estrangulado pelo tecido do disco.

MD: Imagino que os médicos lhe disseram para não tocar bateria.

Alex: Claro! (risos) Começou em 1995, quando fui à festa de aniversário de Wolfgang na Disneyworld. Cai sem razão aparente. Isso me remeteu às minhas quatro hérnias de disco e à fratura dos ossos do pescoço, causada por um acidente



com esqui aquático. Após o acidente, fiquei paralisado por uma hora, então tudo voltou sem problemas. Dez anos depois, já que meu corpo estava contrabalanceado por muito tempo, ele travou.

MD: Você não sentia dores na coluna?

Alex: Sim, mas ignorava. Quando desmaiei, no início da nossa turnê do *Balance*, não foi divertido. Então comecei a estudar artes marciais e trabalhar a postura com a técnica de Alexander, que mostra como usar o corpo corretamente.

Quebrando tudo

MD: Inicialmente você usava a pegada tradicional?

Alex: Sim, mas o som da guitarra e do baixo eram tão altos que tive de mudar para a pegada paralela. Ed e eu começamos tocando jazz. Nosso pai nos levava para clubes, onde podíamos tocar com grupos de jazz. Essa experiência ficou marcada profundamente em meu DNA. Eu entendo a relação entre a música e o público, e como funciona a sua dinâmica em uma noite.

MD: Pode-se ouvir a influência do jazz na sua forma de tocar, pois sua técnica é solta e propulsiva ao mesmo tempo. Sua forma relaxada de tocar não é muito vista em estilos como hard rock ou metal.

Alex: Nem sempre foi assim. Você passa por mudanças. Quando perguntaram a Ginger Baker qual é a função do baterista em uma banda,

ele falou que era fazer os outros músicos soarem bem. Ele não falou isso com arrogância, mas agora entendo o que ele disse. Você quer se encaixar na música. Você pode ser um Buddy Rich, mas não pode fazer tudo aquilo ao tocar uma música simples, e sim o que é apropriado a ela. Jeff Porcaro compreendeu isso. Ele sabia como fazer as coisas se moverem sem parecer que estava tentando fazer um solo.

Nos anos 80 nossa música era um pouco mais bombástica. Tentamos nos posicionar como únicos e mostrar nossas melhores qualidades. Todos esses elementos diferentes me levaram a sentar a mão e quebrar tudo.

MD: Se vocês estavam fazendo isso na década de 1980, como você compara ao estilo que estão fazendo agora?

Alex: Ah... É refinado. Antes não queríamos que ninguém soubesse que passamos por um treinamento clássico e que nosso instrumento principal era o piano. Começamos com o jazz, que é muito diferente do rock'n'roll.

Li um artigo interessante com o Steve Smith, em que ele falou sobre as diferenças do tempo estrito e a idéia de pulso. Era algo que sempre entendi, mas que não podia articular. A questão é que eu e meu irmão começamos tocando em dupla e queríamos groovear juntos.

Quando estávamos elaborando uma música, devíamos à nossa formação clássica, sabíamos que você

Tambor
A. Octav
B. 13"x1
C. 14"x1
superior
D. 12"x8"
E. 13"x9"

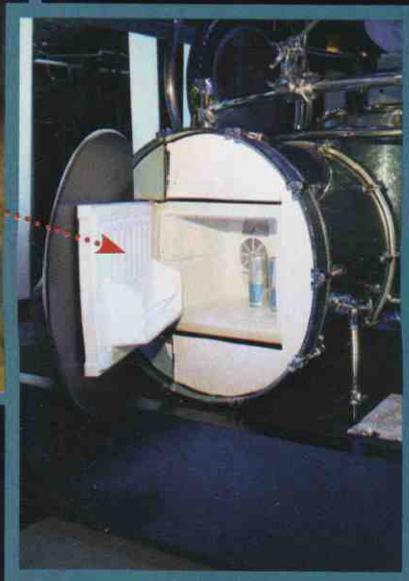
G. 18"x16"
H. 26"x16"
acoplado
I. 24"x16"

Pratos: P
1. 20" 200

usa as mu
vantagem
tratament
você cheg
dá uma ra
Quando es
tua e a m
repara nis
MD: Mas
click em s
Alex: Apr
car com o
outro mem
redor" del

MD: Voc
leva a um
Alex: Ant
Uma vez e
baterista
um exerci

O KIT MONSTRUOSO DE ALEX



Tambores: Ludwig Legacy Classic Maple (customizada)

- A. Octobans (com triggers)
- B. 13"x4" caixa piccolo Black Beauty
- C. 14"x6 1/2" caixa (madeira, aros die-cast na parte superior e triple-flanged na inferior)
- D. 12"x8" tom (em suporte R.I.M.S.)
- E. 13"x9" tom (em suporte R.I.M.S.)
- F. 16"x16" floor tom (surdo)
- G. 18"x16" floor tom (surdo)
- H. 26"x16" bumbo (com um tambor lateral acoplado "side port")
- I. 24"x16" bumbo (convertido em um frigobar)

Pratos: Paiste

- 1. 20" 2002 crash

- 2. 15" 2002 Sound Edge hi-hat

- 3. 19" 2002 crash
- 4. 20" 2002 crash
- 5. 24" Gianf Beat ride
- 6. 20" 2002 crash
- 7. 20" 2002 china
- 8. 22" 2002 crash
- 9. 38" gongo sinfônico

Percussão: Latin Percussion

aa. rock cowbell

Ferragens: Ludwig, máquina de hi-hat sem pernas DW 5000, pedais de bumbo Tama Iron Cobra.

Peles: Remo coated Emperor X na batedeira da caixa, com Ambassador snare side na resposta, coated CS na

batedeira da caixa piccolo com Ambassador snare side na resposta, coated Emperors nas batedeiras dos toms, com clear Ambassadors na resposta, coated Emperors na batedeira do bumbo, com Powerstroke 3 na parte frontal.

Baquetas: Regal Tip modelo Alex Van Halen signature (hickory, com 18" de comprimento).

Monitores: Ultimate Ears UE11, de ouvido.

Eletrônicos: Ddrum 4.

usa as mudanças de dinâmicas e de ritmo em sua vantagem. A idéia de tentar criar um tempo estritamente metronômico é sem sentido. Quando você chega a uma parte que precisa de espaço, dá uma ralentada. Então acelera e sobe o volume. Quando escuto nossos antigos discos, o tempo flutua e a música respira. É algo orgânico. Você nem repara nisso, pois está concentrado na música.

MD: Mas o Van Halen provavelmente usou um click em seus últimos discos.

Alex: Aprendi como fazer isso. Em vez de tocar com o click, você pensa como se tocasse com outro membro da banda. Você pode tocar "ao redor" dele.

Devolvendo ao universo

MD: Você segue um regime de prática, e isso o leva a um aquecimento antes da gig?

Alex: Antes do show apenas toco rudimentos. Uma vez eu estava sentado no backstage com o baterista de Kenny Chesney, e ele me mostrou um exercício que nunca tinha visto. Você toca um

shuffle com a mão esquerda, a semínima e duas colcheias pontuadas com a mão direita e então adiciona tercinas com seu pé direito, mas apenas os seus dois últimos toques. Você pode tocar a primeira nota da tercina com o hi-hat.

MD: Essa prática é uma forma de manter as coisas interessantes para si mesmo?

Alex: Estar em uma banda é muito mais que apenas música. Desde o começo eu tinha muito a aprender com os Beatles e o quão bem eles lidavam com a publicidade. Eu achava que o "A Hard Day's Night" era de verdade. O impacto que a música pode ter na fabricação da percepção das pessoas acerca do que é popular, e como ela ressoa em um nível mais alto, sempre me fascinaram. Como essa banda pode ser maior que nós quatro? Não é uma questão sobre mim e o meu espaço, e sim sobre nós.

MD: Você quer dizer que se preocupa mais com a banda como um todo do que em trabalhar sua técnica?

Alex: Sim.

MD: Mas, como baterista, você deve manter suas habilidades.

Alex: Eu sei disso (risos). É 90% prática, e o restante é talento.

MD: Então tocar bateria é uma coisa natural para você, como vestir um jeans?

Alex: Ed e eu tocávamos piano, mas eu fui para a bateria. Quando a banda do meu pai ensaiava em casa, eu pulava no kit. Ele pareceu muito natural para mim. Se o baterista não podia tocar na gig do meu pai, eu podia substituí-lo.

MD: Quanto tempo você se aquece antes de um show?

Alex: Meia hora. Normalmente toco em um travesseiro. Não gosto de pad. Prefiro algo sem rebote. Tive o prazer de me encontrar e ter uma aula com Jim Chapin. Ele se sentou ao kit e me mostrou algumas coisas. Ele soa muito vivo, e aos 80 anos! Quando ele terminou a aula, eu agradei. E ele disse: "Isto vai lhe custar 80 dólares" (risos). Eu paguei e dei a ele uma carona.

MD: O que Jim lhe mostrou nesta aula?



Alex: Apenas a técnica Moeller. Provavelmente não estudei o tanto quanto deveria, mas eu a uso.

MD: A técnica Moeller aparece em seus toques de baqueta bastante elevados?

Alex: Um pouco, além do trabalho de tensão e relaxamento. Tenho feito isso por 40 anos, então quero ter certeza de que nada se quebre. Uso mais a técnica alemã que a francesa.

MD: Você ainda tenta aprimorar suas habilidades como baterista?

Alex: Bom, deixe o Vinnie fazer isso (risos). Brincadeira. Para tentar explicar sobre do que tratam o ritmo e a bateria, isso vai além da mecânica. Vai além dos rudimentos. Vai além do fato de fazermos algo desta ou daquela forma. Vai além de alguém tocar um ritmo latino em 4/4, o que chamamos de "latino de branco" quando não se toca da forma que deve ser. É tudo uma questão de variação. Mas por trás disso há o pulso, e acima disso a nossa experiência do que estamos fazendo. Se você está expressando a si mesmo, está devolvendo ao universo, seja conseguindo aplausos do público ou fazendo isso pela sua satisfação. É tudo sobre isso. Se você não gosta de tocar, então torna-se trabalho. Adoro aquela frase de Charlie Watts, quando perguntado o quanto estava gostando da turnê. Ele falou: "É um trabalho muito árduo!"

MD: Você se sente assim?

Alex: Em 1995 sim, mas não nesta turnê. Quan-

do se passa por problemas físicos e você deve fazer algo sem travar, então realmente é um trabalho duro.

MD: Há coisas que você faz agora para garantir que nada trave?

Alex: Existem coisas que eu não faço mais (risos).

A busca pelo som

MD: Você tem interesse em manter sua técnica de bumbo equiparada aos bateristas atuais? Você escuta a alguns jovens que são rápidos nos dois bumbos, como Joey Jordison, Chris Adler ou Jason Bittner?

Alex: Gosto de desafios, mas para mim deve haver adequação com a música que estamos tocando. De outro modo, não faz sentido. Mas, sob um ponto de vista estritamente mecânico, eu me impressiono com quem é apto a tocar assim.

MD: Você não está preocupado em tentar adaptar essa técnica com o Van Halen?

Alex: Não atualmente. Mas se eu apresentasse algo assim para Ed, ele escreveria algo baseado nisso.

MD: Você é fã do John Bonham? Analisa sua forma de tocar?

Alex: O que eu realmente gostava é que Jimmy Page investia tempo para fazer o som da bateria uma parte integral do processo de gravação. Ed e eu sempre procuramos pelo melhor som e pelas

melhores texturas.

MD: Os sons de sua caixa e de seu bumbo são únicos.

Alex: Faz parte disso, mas também de como eles se encaixam na música. Um exemplo extremo pode ser a "When The Levee Breaks", do Led Zeppelin, que teve sua sonoridade definida por um acidente. Andy Johns, que gravou a música e também um de nossos discos, me disse que na hora de gravar, eles se esqueceram de ligar os microfones mais próximos, e tudo o que foi ouvido na técnica eram os mics ambientes, e funcionou para a música. Eles sempre prestaram muita atenção na bateria, e este é o motivo pelo qual eles têm discos com um dos melhores sons de bateria. Eu me lembro de minha primeira experiência de gravação usando um bumbo de 26" e uma caixa com 6" de profundidade. A primeira coisa que o técnico me pediu foi para remover as peles de resposta dos toms e do bumbo. Fiquei atônito. "Você está louco!" Dez minutos depois, as peles estavam retiradas. Demorei até as 5 da tarde para conseguir colocar as peles de volta. Foi uma briga. Os técnicos possuem seus métodos e suas experiências. Mas, para mim, é como se me pedissem para eliminar o som de meus tambores.

MD: Como isso interfere em sua afinação na turnê?

Alex: Basicamente não usamos equalizador. Usamos mics Shure SM57 nos bumbos, bem

como um Shure Beta 91 para adicionar mais peso caso necessário. Usamos SM57s nas caixas e Sennheisers nos toms. Os overs são dois AKG C414 e dois Shure KSM32.

MD: Como você orienta seu técnico de bateria, Scott Oliver, para afinar o kit?

Alex: Temos uma passagem de som de uma hora em cada gig, e é quando eu afino. Como disse Buddy Rich, "Você não afina, você tensiona". Em meus bumbos, quero punch. Se ele fica muito agudo, vai ressoar muito. Então o afino na região em que ele ressoe menos. Uso batedores de feltro, pois não quero dar chance de um batedor de madeira atravessar uma pele durante um show. Mas, em estúdio, uso madeira.

MD: Seu kit de turnê, com dois bumbos, parece ter um bumbo extra ligado ao principal. Isso é por uma questão de sonoridade ou visual?

Alex: O tambor externo ressoa. Há um bumbo grande, ligado à metade de outro bumbo. O tambor menor é preso ao tambor principal e vibra. Dá um som mais balanceado.

Eu não queria quatro bumbos, mas queria mais de dois. Isso é meu parque de diversões, e se quiser usar tambores quadrados ou cem tambores, eu uso.

MD: Como este kit difere dos seus mais antigos?

Alex: Este é o kit com melhor som que já tive. Possui menos tambores que alguns de meus kits antigos. Para o som do kit no local, dependendo do técnico de som. Muitos desses caras tiram apenas um som de "tick" e graves. Eles deixam as demais frequências para os vocais, baixo e guitarra. É mais fácil de mixar. Errado.

MD: Sua caixa sempre soou como um foguete

Alex: É uma caixa Ludwig de madeira. Sempre usei um modelo Ludwig de aço, mas um dia meu técnico trouxe um tambor de madeira e soou bem. Não afino muito apertado, procuro o ponto doce. Se você aperta muito, soa como pipoca pulando. Muito grave também não soa bem.

Anos atrás, os técnicos costumavam usar muita fita nos tambores para abafar a ressonância, mas agora não mais. Isso se tornou um problema, pois todas as notas em dinâmicas mais baixas se perdiam. Você conseguia o som claro que queria, mas o que mais? Nada.

MD: Você abafa a caixa?

Alex: Uso todos os meus tambores bem abertos.

MD: Pode-se ouvir isso no bumbo. Eles soam como canhões. Mas como isso muda no estúdio?

Alex: É sempre o mesmo. E eu toco com o mesmo volume de dinâmica no estúdio. Quando gravamos, é como os Stones. Eles começam a tocar. Se o terceiro take é o bom, então é o escolhido. Ed e eu tocamos até nos sentirmos confortáveis.

MD: Existe algum baterista, novo ou antigo, que

inspire sua forma de tocar atualmente?

Alex: Escuto a todos. Mas você acaba se inclinando ao material antigo que remete à memória de sua infância. Mas a música possui um fluxo constante.

Questões familiares

MD: Qual a diferença no groove, tendo Wolfgang no baixo em vez de Michael Anthony?

Alex: Eu nunca comparo as pessoas.

MD: Por que não?

SOU O PRIMEIRO A ASSUMIR QUE CORRO. MAS NÃO ESTAMOS LÁ PARA RECRIAR UMA MÚSICA. ESTAMOS LÁ PARA ATEAR FOGO. ESTAMOS LÁ PARA ENVOLVER O PÚBLICO NAQUILO QUE ESTAMOS FAZENDO. NÃO É UMA VIA DE MÃO ÚNICA. O PÚBLICO FAZ PARTE DELA.

Alex: Porque sempre haverá um perdedor e um ganhador, e não é questão disso. É como comparar Dave Weckl a Vinnie Colaiuta. Cada um é cada um. Competição só existe em esporte. Mas devo dizer que Wolfgang tem um belo groove. É difícil ouvir em um show ao vivo, mas quando gravamos um disco você vai notar. Wolfgang é um músico. Volta ao que Steve Smith disse sobre a definição da diferença entre tempo e pulso. O pulso agora é muito profundo. Não consigo explicar, mas dá pra sentir. Eddie diria a mesma coisa: se Wolfgang não fosse capaz, sendo filho ou não, ele não estaria na banda.

Manutenção do tempo e "Toad"

MD: O Van Halen sempre tocou à margem do tempo. Você trabalhou maneiras de estabilizar o tempo da época mais antiga?

Alex: Como disse antes, fomos criados com música clássica, e aprendemos que uma vez que você muda a dinâmica, você altera o andamento. Isso não dói. Nosso tempo é elástico.

MD: Você aborda o tempo de forma diferente atualmente?

Alex: Se algo precisa acelerar, nós aceleramos. Como Vinnie disse para mim, quando o vi em turnê com Sting, "Vocês sempre soam como se

estivessem mastigando o tempo". Isso é uma coisa boa.

Sou o primeiro a assumir que corro. Mas não estamos lá para recriar uma música. Estamos lá para atear fogo. Estamos lá para envolver o público naquilo que estamos fazendo. Não é uma via de mão única. O público faz parte dela.

MD: Você tem espaço para improvisar durante os shows?

Alex: Sim, mas não quero poluir as coisas. Quisemos fazer versões 2007 das músicas que tocamos em 1984. Não as tocamos da mesma forma. Seria um desserviço a nós e ao público. Não estamos lá para tocar um disco. Mostramos o que somos agora, tocando as músicas que não foram ouvidas há 23 anos.

MD: Seu solo no Meadowlands combina três temas diferentes, usando padrões de dois bumbos e rulos simples entre suas mãos e os bumbos.

Alex: Eu não me lembro exatamente o que toquei, embora toque algumas notas alternadas de toques simples no bumbo alternando com o floor tom. É dividido em três diferentes partes. A primeira parte é meu tributo a Ginger Baker e minha lembrança da primeira vez que ouvi "Toad". É em 4/4, mas o tempo muda. Baker era um mestre nisso. Meu solo surge da "Pretty Woman", e começar com a idéia de Ginger, o que soou natural. Se eu começasse a solar saindo da "Hot For Teacher", que era o plano original, eu teria tocado algo diferente. Tudo é orgânico.

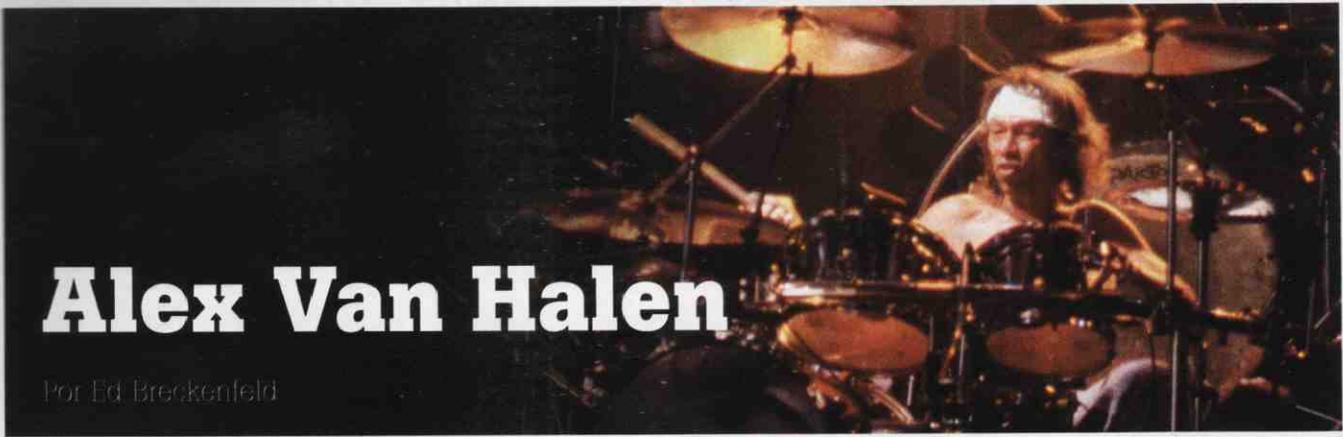
A segunda parte do solo é quando eu uso um antigo flanger no som dos tambores. Faço tudo o que sentir no momento. Então ela evolui e eu mudo o andamento de devagar para rápido e vice-versa, o que atrai o público. A última parte é tirada de um ritmo latino, encerrado com as músicas que não tocamos ao vivo, como "Out Of Love Again". Peguei pequenos trechos de músicas mais velhas e pedi a Steve Porcaro para que os orquestrasse. Ele colocou alguns sons do NIN também. A parte sobre a base pré-gravada é toda em compassos mistos, usando diferentes manufações que não sei explicar, pois vou seguindo a melodia. Mesmo Steve teve problemas com eles, pois não está em uma métrica contínua.

MD: Finalmente, você mencionou antes que é um baterista natural. Isso significa que não precisa estudar para ainda ser um baterista de alto nível?

Alex: Não, eu tenho de praticar, e deveria ter estudado mais quando comecei. Steve Smith é muito dedicado, e tem boas idéias. Se eu estivesse começando, falaria com ele.

Na música, você não pode conseguir sozinho. É um esforço de grupo. Tenho amizade com pessoas que conheço por 35 anos. Quantas pessoas tiveram um relacionamento desse tempo?





Alex Van Halen

Por Ed Breckenfeld

Notação Musical

aberto	o	ride	*	crash	**
hi-hat	o				
tom	x				
caixa	x				
floor tom	x				
bumbo 1	x				
hi-hat com o pé	x				
		bumbo 2			

Com os fãs do Van Halen comemorando a volta do vocalista David Lee Roth, o Extraído do CD deste mês vira seus holofotes para o baterista Alex Van Halen. Embora seu irmão mais novo Eddie tenha ficado mais famoso por sua técnica inovadora, os músicos e fãs sabem que Alex é um baterista de primeira linha. Vamos observar seus melhores momentos em algumas músicas da época de David Lee Roth.

"Runnin' With The Devil" Van Halen (1978)

Este sucesso do primeiro álbum do Van Halen possui todas as marcas registradas da banda: os gritos de Roth, uma ótima guitarra de Eddie e uma batida sólida de Alex. Repare em seus acentos na abertura do hi-hat nos tempos 2 e 4, que agregam profundidade ao groove. (0:29)

No fim da música Alex acentua todos os tempos, primeiro com uma combinação de caixa e floor tom (surdo) separados por toques no ride e então ataques rápidos no crash. (3:23)

"You Really Got Me" Van Halen (1978)

No refrão deste cover clássico dos Kinks, Alex parece oferecer um tributo ao baterista de outra grande banda britânica. Este forte ataque no crash, junto ao rufo de tercina, era muito usado por Keith Moon. (1:15)

"Dance The Night Away" Van Halen II (1979)

A parte que antecede o refrão deste single do segundo álbum do Van Halen é construída sobre acentos dramáticos da banda. Após simplesmente colocar os acentos no primeiro compasso, Alex os alterna com viradas nos demais. (1:25)



"Beautiful Girls"
Van Halen II (1979)

Composta sobre outro riff instigante de Eddie, esta faixa possui bastante suíngue, com uma sensibilidade "half-time". Alex usa o padrão tradicional de jazz no ride enquanto acentua os tempos fracos durante o groove antes do refrão. (0:38)



"Unchained"
Fair Warning (1982)

Alex toca a parte com métricas mistas desta música prendendo-se ao riff de Eddie, conforme as alterações nas fórmulas de compassos são resolvidas. O final da seqüência possui sua condução no crash, o que era muito usado por Alex. (0:42)



"Jump"
MCMLXXXIV (1984)

Este sucesso apresenta outra interessante seqüência antes do refrão, com Alex alternando entre o ride, o hi-hat e a caixa, repetindo o padrão de três notas. (0:57)



"Hot For Teacher"
MCMLXXXIV (1984)

Agora chegamos à levada mais conhecida de Alex. Sua incrível performance nesta faixa a qualifica como uma das melhores da época na bateria. Em sua abertura-solo, Alex combina um padrão de tercinas em um tom profundo (ou um pad Simmons grave) sobre um shuffle clássico de dois bumbos. (0:06)



Quando Alex chega ao groove principal, ele faz toques duplos no ride para preencher as tercinas sobre o shuffle de dois bumbos. Verifique o tempo nestes grooves – ele está voando! (0:23)



Alex toca sozinho algumas frases rápidas na volta das paradas da música. Esta é da segunda parada. (2:14)



Você pode contatar **Ed Breckenfeld** pelo website www.edbreckenfeld.com.

